

Regilaine Patrícia da Silva

MORTE

FACER

2002

Regilaine Patrícia da Silva



MORTE

Monografia apresentada à FACER como requisito para conclusão de graduação em filosofia sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

30732
SAOU

Tombo n°	1341
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	27.05.03

FACER
2002

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha querida mãe Delícia Aparecida da Silva, pelo seu esforço de querer dar para sua única filha, algo que ela nunca teve tempo de sonhar para si própria, ou seja, uma formação acadêmica. Pela sua insistência de todos os dias, pelos seus puxões de orelha, por sempre chamar a minha atenção quando chegava atrasada na Faculdade.

Dedico a minha mãe, por ela sempre estar pensando no meu futuro e por não ter me deixado no momento em que eu mais precisei dela, enfim, por estar sempre ao meu lado, enfrentando as dificuldades calada, nunca se queixa de trabalhar para que eu não desanimasse de estudar e ter uma profissão menos desgastante que a dela.

Dedico também ao meu amado filhinho Gabriel Victor Silva de Moraes, que tive de deixar em casa todos os dias lamentando minha falta. Ele foi mais um incentivo para eu estudar e tentar uma profissão.

Minha mãe e meu filho foram e ainda são os meus mestres que me ensinaram o último sentido da vida, através do Belo, de Bem, e do Verdadeiro. A eles dedico este trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus professores Joaquim José Neto, Helena de Fátima Araújo, José João Neves Barbosa Vicente, Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos, Marcios Éverson Ribeiro, José Geraldo da Trindade e aos demais professores que tive durante o curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, pelo incentivo de encorajamento contínuo para o exercício docência filosófica.

Agradeço a todos e em especial ao Pe. Joaquim José Neto e a professora Rosângela Parreira Amorim na qual depus muita confiança e carinho no decorrer do curso; também pelo apoio e incentivo à pesquisa e aplicação do ensino e pesquisa.

Um agradecimento em especial ao professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos, que demonstrou muita paciência durante todo o seu trabalho, sempre prestativo e eficiente. Aos funcionários da biblioteca da FACER, Célia Romano do Amaral Mariano e Maria Sebastiana Ferreira Falcão, eles estavam dispostos a me ajudar proporcionando assim um melhor trabalho. Também ao funcionário do laboratório de informática da FACER, Uenio Ricardo Braga Marra, prestativo e dedicado, sempre disposto a me oferecer a sua ajuda. Agradeço também a minha amiga Mariele Silva Vilela, com sua inteligência ajudou-me a organizar este trabalho para um melhor entendimento e compreensão.

Morte e vida

Morte, como será tu?
És negra? És clara?
Traz paz ou traz tormento?
Não sei como te enfrentar.

Como será além de vós?
És bela ou assombrosa?
Será melhor ou pior?
Quando você vem me levar?

Se eu pudesse me livrar.
Talvez esconder, talvez sumir,
Mas, onde você está?
Será que nos encontraremos no mesmo lugar?

A vida nos machuca.
O destino nos condena. Será?
Qual o mistério da vida?
Vale a pena viver ou te buscar?

Miséria, fome, guerra!
Gente chorando para todo canto.
Será quando o fim de tudo?
Ou será que esse fim nunca chegará?

Palavras de desilusão.
Isso nunca vai faltar.
Mas, Cristo vive e é grande.
E sei que um dia vai me consolar.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Capítulo I – As várias formas de se ver a morte.....	8
Segundo o Dicionário Aurélio.....	8
A Visão Religiosa.....	8
A Visão Sócio/cultural.....	11
Capítulo II – A Morte na Filosofia.....	17
Segundo o Dicionário de Filosofia/Modin.....	17
Segundo a Enciclopédia Brasil.....	18
A Morte em Aristóteles.....	18
A Morte em Sócrates.....	23
A Morte de Deus em Nietzsche.....	29
O ser-para-a-morte em Heidegger.....	31
Conclusão.....	33
Bibliografia.....	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma contribuição para a solução ou para a minimização do medo que muitas pessoas têm da morte.

A arte de existir e de morrer será, sempre, a arte de amar. Na medida em que aprendemos a amar é que estaremos nos preparando para o mergulho final nesta Pátria de Desconhecido que é a morte. Enfim, nascer, florescer e morrer, mas não sem antes ter vivido, mas não sem antes ter amado.

Cada religião tem uma forma diferente de ver e aceitar a morte. No entanto, segundo a opinião de todas, essas formas de ver a morte, não só ajudam a viver, mas atribuem à vida seu peso de sentimento e seu valor. As religiões nos ensinam que para viver bem, sem o tormento da idéia do fim, é preciso cultivar um certo desapego em relação à vida.

A visão sócio-cultural acha que o sentido que damos à morte é o sentido que damos à vida. E o sentido que damos à vida é o sentido que damos à morte. O sentido que damos à vida está ligado a uma totalidade maior, que se chama cultura, espaço coletivo onde se elaboram os vários sentidos da vida humana, inclusive os mais transcendentais. Por isso, há tantos sentidos de vida quantas culturas humanas existem. A morte não é, como pensam os cristãos, conseqüência do pecado. Ela pré-existia ao pecado humano. Conseqüência do pecado é a forma concreta como experimentamos a morte. Não mais como um dado natural, mas como algo antinatural, como incerteza traiçoeira que produz a angústia e como perda irrefragável da vida. Essa situação existencial entrou na consciência porque a humanidade, na compreensão judaico-cristã, não soube acolher a vida mortal como Dom divino, a se manifestar, também como dom aos demais, no amor e na amizade.

Aristóteles retém sobre o problema da morte. Na perspectiva biológica do Estagirita, a morte é compreendida não como a finalidade da vida, mas sim como seu término, pois o *télos* da vida, para ele, é o melhor e não simplesmente aquilo que ocorre em último lugar. Ele revoluciona a concepção tradicional de sua época, que postulava uma nítida separação entre alma e o corpo, no caso do intelecto ele sobrevém de fora do homem e não se mistura com o composto alma/corpo.

Para Sócrates, o grande criador da Razão Negativa, a morte era antes o nada da vida, a negação determinada sua vida e assim o renascimento das cinzas,

o fim da sua existência empírica e começo negativo da sua eternidade como lenda imortal da filosofia dialética.

Ele escolheu o seu fim, a sua morte, a sua negação. Ele se exercitou durante toda a sua vida para aquela morte. Assim é que um pouco antes de tomar a cicuta, sorrindo, disse aos seus discípulos: "Os que filosofam de maneira rigorosa se exercitam para morrer". Falharam, sem dúvida, os seus juizes, que provocaram a ironia da dialética ao receitarem a Sócrates a amargura da cicuta. Ele levou, certamente, a melhor parte.

Nitzsche como o grande "filósofo da suspeita", que denuncia e acusa o cristianismo como a mais nefasta das seduções e mentiras. Acusa o Evangelho de conter uma sabedoria triste e mortal. Suas obras é dirigida para dinamitar o cristianismo.

Na filosofia existencial de Heidegger, a morte é o sinal da finitude e da individualidade humana que o homem precisa assumir para escapar da alienação de si e da banalidade do cotidiano: "A morte se desvela com a possibilidade absolutamente própria, incondicional e intransponível". Para ele o homem é basicamente um ser-para-a-morte": a morte é a destinação do homem, que, ao se cumprir, limita e define sua existência.

CAPITULO I – AS VARIAS FORMAS DE SE VER A MORTE

*Estranhamente, a morte e o amor
“caminham juntos... Você não pode amar sem
morrer a cada dia para a sua memória.*

*É impossível abraçar alguém sem que a
morte esteja presente. Onde está o amor, ali
está também a morte.”*

Krishnamurti

Segundo o Dicionário Aurélio: Morte → 1. Ato de morrer; o fim da vida animal ou vegetal. 2. Termo, fim. 3. Destruição, ruína. 4. Fig. Grande dor; pesar profundo. 5. Entidade imaginária da credice popular, representada, em geral, por um esqueleto humano armado de uma foice com que ceifa as vidas. Morte agônica. O aposto de morte súbita. Morte civil. Perda de todos direitos e regalias sociais. Morte matada. Bras. Pop. Morte não natural; assassino, assassinato. Morte moral. 1. Perda de sentimentos de honra. 2. Depravação moral. morte morrida. Fam. V. morte natural(2). morte natural. 1. A perda da vida por sentença. 2. morte por doença, morte morrida. Morte violenta. A que não é motivada por doença, como a causada por desastre, homicídio ou suicídio. De morte. 1. Mortalmente. 2. Rancorosamente. Ser para a morte. Bras. Tam. 1. Ser impossível se suportar. 2. Ser levado do Diabo. 3. Ser de desconcertante, excêntrico.

A visão religiosa → A morte está intimamente relacionada com a religião e com a história das religiões. No geral, afirmamos que a religião explica a morte a partir do mito ou das próprias crenças ou revelações. Deste modo as religiões primitivas vêem na morte não um ato natural, mas o efeito de um agente sobrenatural malévolos. A morte aparece personificada num deus especial, demônio ou anjo. No pensamento grego a morte aparece como um jovem que empurra uma espada. Ou como Keres, pequena figuras esqueléticas, negras e aladas. No judaísmo e no cristianismo aparecem um conceito muito complexo e evolutivo a respeito da morte. É interpretada como consequência de um pecado. A morte é uma herança

penerosada humanidade. Para os cristãos, a morte não é o fim mas uma passagem ou trânsito para a vida eterna em Deus. A morte, conseqüência do primeiro pecado, é vencida por Cristo e pelos cristãos. Para o budismo a morte é um fenômeno inerente à vida humana, como o nascimento. Para o que nasceu não existe nada semelhante ao não morrer.

É belo passar, como peregrinos maravilhados, pela ponte da existência. Saber que cada passo é único, cada fadiga jamais se repetirá, cada repolso é sempre igual. Saber que não se toma banho duas vezes no mesmo rio, não se ama duas vezes a mesma mulher, não se sente duas vezes a batida do mesmo coração. Tudo é passagem, tudo é mutante, tudo é fuxo...exceto o Ser. Acordar de manhã lembrar-nos de que tudo no mundo é mortal, como se faz em certos mosteiros, parece ser uma prática de outra época. Da mesma forma, a sabedoria dos budistas, que aceitam a morte como parte integrada da vida parece algo exótico.

A morte pode ser vista como um mistério incompreensível. Ou como um absurdo inaceitável. A morte pode ser tratada como um tabu, assunto do qual a maioria das pessoas não gostam de falar. Mas, seja como for, aceitamos isso ou não, a morte é um fato, uma realidade inexorável. E que vem para todos nós. Por mais que queiramos nos esconder dela, deixar de existir é uma coisa tão natural quanto existir. Na verdade, a morte, é provavelmente a única coisa certa na nossa existência e de todas pessoas que amamos e mesmo daquelas que jamais chegamos a conhecer: é certo que todos nós vamos morrer um dia. A morte acontece com qualquer um, a qualquer hora. Pode acontecer hoje, amanhã ou daqui a 60 anos ninguém sabe quando ela vai chegar. A morte faz parte da vida. Todos começamos a morrer exatamente no dia em que nascemos. A morte, portanto, é uma etapa da nossa existência com a qual temos que conviver. Pode se viver melhor ou pior com ela, mas não se pode evitá-la. Pode-se aceitar a sua inevitabilidade e olhá-la de frente ou pode-se negá-la, fugir dela, imaginar que não pensar na morte possa fazer com que ela deixe de acontecer com você ou com sua família. A morte não é privilégio nem desgraça particular de ninguém, ela chega para todos sem exceção.

O primeiro passo para conviver melhor com a idéia morte é esquecer aquela imagem medieval, um tanto tétrica, de um esqueleto coberto com uma capa preta carregando uma foice afiada na mão. Talvez uma imagem melhor para a

morte seja imaginá-la como o fim de uma festa muito bacana: você já saberia que ela acabaria, que ela teria que acabar, em algum momento. E, pensando bem, talvez não seja de todo mal que a festa termine. Ninguém aguentaria dançar na pista para sempre, por melhor que seja a música, tem uma hora que o corpo e a mente pedem descanso. E aí, talvez, seja o momento de sair da pista, serenamente, sem traumas e dar lugar a quem está chegando à festa cheio de gás.

Para viver bem, sem o terror e o tormento da idéia do fim, é preciso cultivar um certo desapego em relação à vida. Vivemos pequenas perdas todos os dias; uma separação, uma demissão, a morte de um amigo, a notícia de uma doença incurável. Essas experiências cotidianas de morte nos ajudam a entender que nada dura para sempre. Inclusive nós, em nossa natureza mortal.

Um dia, há muito tempo, um homem resolveu fazer um trato com a Morte. Prometeu a ela que não oferecia resistência quando a sua hora chegasse. Mas pediu, em troca, que fosse avisado com antecedência porque queria ter tempo suficiente para terminar todas as suas tarefas. O acordo foi feito. Tempos depois, houve um acidente grave na cidade e muitos amigos de homem morreram. Anos mais tarde, um vizinho próximo faleceu. Em seguida, foi a vez de um tio. Até que o homem ficou doente e, em alguns meses, encontrou-se com a Morte. Ela tinha vindo buscá-lo. Revoltado, reclamou: "Eu pedi que você me avisasse quando viria e eu não recebi um sinal!" Ao que a Morte respondeu: "A morte dos seus amigos, do seu vizinho, do seu tio não bastaram?"¹

"A morte não é o fim da vida, mas o fim de uma ilusão, uma libertação do sofrimento, do encadeamento de causas e defeitos. É a razão pela qual a morte é um momento abençoado, o momento mais sagrado da existência porque é, finalmente, a ocasião de entrar em um espaço ilimitado. É o momento em que a Realidade é, por fim, revelada."²

"Deus a Abraão: "Vai ao encontro de ti mesmo". No momento da morte, amar é amar do bastante para dizer: "vai ao encontro de ti mesmo, não me pertences, bendita seja a vida que nos permitiu caminhar juntos, não te detenhas no sofrimento que te submerge vai..."³

1. VOMERO, Maria Fernanda. Revista Super Interessante, fevereiro 2002. Morte

2. HENNEZEL, Marie de e LELOUP, Jean-Yves. A Arte de Morrer. pág. 10

3. HENNEZEL, op. Cit. pág. 11

Portanto, a morte é a ocasião de um despertar, apesar de amarmos esta terra, não somos “apenas desta terra”. A morte não é um fracasso, ela faz parte da vida, é um acontecimento que se tem de viver, uma realidade que nos espera, nos obriga a tomar consciência de nossos valores mais profundos, uma realidade que nos convida a criar, pensar, procurar um sentido.

Falar em morte é transformá-la em aliada, conselheira, em uma presença natural, lidar com ela de modo saudável significa ter mais realizações, finalizar mais tarefas e pedir mais perdões ao longo da vida. Só assim se vive de modo mais pleno e se pode morrer mais serenamente, rompendo com o hábito de deixar certas decisões para amanhã, depois de amanhã e assim por diante.

Para todos, portanto, resta apenas aprender a conviver com ela. Encará-la de frente, compreendê-la, admiti-la, em vez de camoteá-la, negá-la, escondê-la. E quem sabe, assim, sofrer menos com a visita que ela nos fará um dia e com os eventuais sinais da sua presença que ela já tenha plantado ao nosso redor.

Para os cristãos, a morte não é o fim da mas a passagem ou trânsito para a vida eterna em Deus. A morte, conseqüência do primeiro pecado, é vencida por Cristo e pelos cristãos.

Para o budismo a morte é um fenômeno inerente à vida humana, como o nascimento. “Para o que nasceu não existe nada semelhante ao morrer”. Conduz fatalmente o novo nascimento.⁴

A visão social/cultural → O sentido que damos à morte é o sentido que damos à vida. E o sentido que damos à vida é o sentido que damos à morte. O sentido que damos à vida está ligado a uma totalidade maior, que se chama cultura, espaço coletivo onde se elaboram os vários

Para os índios bororos do Mato Grosso, a vida é soberana. Mortos e vivos estão sempre juntos. Os mortos não são ausentes. São apenas invisíveis. Por isso, morrer não é nenhuma desgraça. É só passagem para o outro lado da mesma vida.⁵

4. Enciclopédia Brasil, p. 238. 239

5. BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. pág. 219.

Para nós ocidentais modernos, a vida é tudo. A morte é ruína. Não deixa nada. O outro lado representa uma interrogação aberta. Não temos elaborado nenhuma projeção singular da morte. Apegamo-nos às várias interpretações que se apresentam no mercado das tradições culturais: reencarnacionismo, aniquilação, subsistência da alma, diluição nas energias cósmicas, ressurreição, etc.

Para os gregos, o sentido autêntico da vida se dá só além-morte, no mundo da pura espiritualidade. Morremos para viver mais e melhor. Por isso Sócrates morreu feliz. Penaliza-se com os juízes que o condenaram porque, pobres, continuavam vivos, no cárcere da matéria. O espírito na morte se liberta finalmente do corpo para ser totalmente ele, em sua pura espiritualidade.⁶

A morte é a passagem para a plenitude do Reino. Ela é dramatizada, pois no momento dá-se logo a ressurreição. Por isso dizia o poeta e místico D. Pedro Casaldáliga: a alternativa cristã é essa: ou a vida ou a ressurreição.

Tempos de religiosidade intensa e tranqüila são tempos de metafísica, tempos de certezas e de representações esperançadoras da vida e da morte. São as religiões que trabalham historicamente as grandes crises existenciais, pessoais e coletivas. São elas que formulam respostas às grandes indagações do ser humano, geralmente sob a forma de grandes mitos e símbolos poderosos que faltam na vida para além desta vida. Em tais circunstâncias, a morte descodificada e inserida numa teia de sentidos globalizantes.

A morte é relegada a um problema da subjetividade individual. Cada qual tem de haver com ela. Ninguém pode ser substituído no seu morrer. Cada um deve-lhe conferir uma significação ou negar qualquer esperança para além deste mundo. Vivemos entregues a nós mesmos, numa imensa orfandade espiritual.

Os grandes mitos e as representações clássicas de uma vida além-morte não são mais considerados fenômenos evidentes e aceitos

6. BOFF, op.cit. Pág. 220.

culturalmente por todos como valores indiscutíveis. Tal fato se revela pela atmosfera de vazio espiritual, de angústias, de experiências de absurdo e de outros distúrbios psicossociais. São tempos trágicos. Falta um norte. Tramitou a estrela-guia.

Em tais conjunturas culturais, como podem os cristãos mediatizar sua esperança numa vida para além da vida? Como conferir credibilidade à profissão de fé do credo: "creio na ressurreição da carne e na vida eterna"?⁷

A morte não é, como pensam os cristãos, consequência do pecado. Ela pré-existia ao pecado humano. Consequência do pecado é a forma concreta como experimentamos a morte. Não mais como um dado natural, mas como algo antinatural, como incerteza traiçoeira que produz a angústia e como perda irrefragável da vida. Essa situação existencial entrou na consciência porque a humanidade, na compreensão judaico-cristã, não soube acolher a vida mortal como Dom divino, a se manifestar também como Dom aos demais, no amor na amizade. Pecado consiste em querer viver só "para si mesmo"(cf. 2Cor. 5,15). A solidão no lugar da solidariedade faz com que a morte seja vivenciada como assalto e destruição da vida. A solidão do lado de cá faz suscitar a idéia da solidão do lado de lá. Daí o medo e o pavor da morte.

Só o fato de a pessoa assumir a mortalidade da vida e de se mostrar fiel ao chamado inscrito dentro dela na direção da comunhão e do amor. Este não teme a morte. Faz parte da vida, sem destruir a vida. É antes irmã que bruxa. Pode-se morrer cantando, como São Francisco: "vem, irmã minha, vem, irmã morte! Leva-me à fonte da vida! Conduze-me no seio da Mãe de infinita ternura!"⁸

Concretamente, para além de qualquer interpretação ulterior, o ser humano se descobre como um nó de relações voltado para todas as direções. Sua essência reside na capacidade de relação, ilimitada, indefinida, sempre aberta. Essa capacidade de relação, quando considerada a partir da subjetividade, emerge como uma energia vital sempre desperta. Chamem-na libido, Eros ou princípio-esperança ou *kundalini* (a força da serpente cósmica, em sânscrito), ou *karma-carisma* pouco importa. Tais denominações dão conta

7. BOFF, op. Cit. pág. 222.

8. BOFF, op. Cit. pág. 223.

da inarredável pulsão que habita o ser humano, homem e mulher, fazendo-o um ser em abertura, sempre insatisfeito, sempre projetando, sempre buscando novos equilíbrios, sempre mergulhando no universo de sua interioridade, sempre fazendo a experiência abraânica de sair para o desconhecimento na busca do novo, ainda não experimentado.

“Se assim não fora, como explicar que o homem primitivo, pelo menos desde o neolítico, deixassem as cavernas e se aventurassem no mundo exterior? Por que hoje estamos abandonando a Terra e buscamos as estrelas?”⁹

Por outro lado, esse nó de relação se concretiza na estreiteza de um espaço e de tempo. A pulsão é ilimitada, mas só se realiza limitadamente. Nunca vigora uma adequação entre o impulso e sua expressão. Em razão disso, o ser humano jamais é um círculo em sua esplêndida perfeição e adequação entre todos os pontos. Ele, homem e mulher, apresenta-se na figura de uma elipse. Ele, homem e mulher, apresenta-se na figura de uma elipse. Tem dois pontos de equilíbrio. Nele percebemos duas curvas existências.

No primeiro ponto da elipse, realiza-se a exterioridade humana. É a curva biológica. Como qualquer outro ser da biosfera, ele cresce, desenvolve-se, chega ao seu clímax vital, desce a montanha da vida e morre. Começa a vida como uma enorme bagagem energética. Mas ela, devagar, em prestações, vai sendo consumida até se exaurir. Vale dizer, o ser humano, ao nascer, começa a morrer. Vai morrendo lentamente, em prestações, até acabar de morrer. De pouco valem os mil estratagemas de prolongamento da vida. Chega o momento em que, mesmo a pessoa mais velha do mundo, tem de morrer e morre. Simone de Beauvoir, em seu romance *Tous les hommes sont mortels* (1946), mostrar o absurdo de uma vida mortal como a nossa ser imortalizada. Iríamos infinitamente envelhecendo sem jamais morrer, como nos velhos bons tempos em que morríamos. É o inferno, porque nada deste mundo satisfaz a estrutura do desejo

9. BOFF, op. Cit. pág. 224

que habita famintamente o ser humano insaciável. A morte pertence a vida humana, por mais que o eu profundo queira vida a mais e anseie pela eternidade da vida.¹⁰

Entretanto, o ser humano se realiza também no outro ponto da elipse. É a curva pessoal, sua interioridade é inversa à da exterioridade.

Algo semelhante deve-se dizer da alma. Não tenho alma. Sou alma. Alma é minha totalidade, enquanto rompe o enraizamento e se abre à totalidade e ao infinito. A alma transcende qualquer determinação dada.

Um poeta moderno alemão expressou bem o que significa o ser humano enquanto alma: "Um cão que morre e que sabe que morre como um cão: eis aí um ser humano"(E. Fried, *Warngedichte*).

Esse saber de si faz com que o cão transcenda o seu ser-cão. Transcender é o que faz a identidade do ser humano enquanto alma. Não é estar fora do mundo. É estar no mundo para além dele. Consiste em abrir sempre uma brecha em toda realidade e ver para além dela.¹¹

Pertence, pois, ao ser humano estar-no-mundo e ser-mundo, como pertence a ele também estar para além do mundo e entrever o outro lado do mundo. Esta é uma fenomenologia transcultural, realizável por qualquer pessoa.

Há os que definem a morte como separação entre corpo e alma. O corpo vai para a sepultura e a alma para a eternidade. A morte não pode ser qualificada como separação entre corpo e alma, pois não há nada para separar.

Embora possam e devem ser distinguidos, corpo e alma não podem ser separados. O que se separa, na morte, não é o corpo e a alma, mas o tempo e a eternidade.

Pela morte, o homem-alma não perde sua corporalidade. Esta lhe é essencial. Por conseguinte, não deixa o mundo. Assume-o de forma mais

10. BOFF, op.cit. pág. 225

11. BOFF, op. Cit. pág. 228

radical e universal. Não se relaciona apenas com alguns entes, como quando vagava por este mundo nas malhas espaço-temporais, mas com a totalidade do cosmos, dos espaços e dos tempos. Ao morrer, a pessoa entra no coração do universo, para aquela dimensão de todas as coisas, onde tudo se relaciona com tudo e a partir donde o universo se mostra como um único universo na pluralidade de suas energias, de suas leis e de seus seres individualizados.

Morrer é como nascer. A pessoa, ao nascer, passa por uma perigosa crise. Esgotam-se as possibilidades do seio materno. A criança tem de nascer, senão morre. Deixa tudo atrás de si. Mas entra numa dimensão maior do que aquela que lhe tocava viver no seio da mãe. Ao morrer, de forma semelhante, o ser humano entra numa derradeira crise. Extenuam-se as possibilidades da vida biológica e espaço-temporal.¹²

Morrer assim é uma benção da vida. Não morrer é condenar-se a ter sede sem nunca poder encontrar a água borbulhante, ter fome e jamais poder saciar-se, ser botão e jamais poder desabrochar. Ser botão desabrochado e não poder, nunca mais, amadurecer, perfumar e alegrar todo universo.

12. BOFF, op.cit. pág. 230

CAPÍTULO II – A MORTE NA FILOSOFIA

*“Maçã, cheia, pêra e banana,
groselha... Tudo isso fala
Morte e Vida na boca.. Eu pressinto...
É o que deve ler na fisionomia de uma criança,
Quando lhes sente o sabor”*

Rilke, R. M.

Segundo o dicionário de Filosofia/Modin → Morte 1. Em seu sentido filosófico, a morte sempre foi entendida como o desaparecimento ou cessação da existência humana, mas levando a se pensar o sentido da vida. Para Platão, “filosofar é aprender a morrer”; e a imortalidade da alma é “um belo risco a ser corrido”. Para Epicuro, a morte é uma certeza, mas não constitui um mal nem deve ser temida, pois é a dissolução do ser total (alma e corpo). Pascal reconhece que estamos “todos condenados à morte, pois somos seres frágeis; mas somos os únicos seres a saber que morreremos: nossa dignidade consiste em pensarmos a morte e a salvação. Kant faz da imortalidade da alma um dos postulados indemonstráveis da razão prática (os dois outros são a existência de Deus e a liberdade: *numero).

Na filosofia existencial de Heidegger, a morte é o sinal da finitude e da individualidade humana que o homem precisa assumir para escapar da alienação de si e da banalidade do cotidiano: “A morte se desvela a possibilidade própria, incondicional e intransponível”. Contudo, “a limitação de nossa existência pela morte é sempre decisiva para a nossa compreensão e nossa apreciação da vida”. Assim, “este fim que designamos pela morte não significa, para realidade humana (*Dasein), um “ser-terminado”, mas um ser para o fim, que é o ser existente”.

A morte está intimamente relacionada com a religião e com a história das religiões. No geral podemos afirmar que as religiões explicaram a morte a partir do mito ou das suas próprias crenças ou revelações. Deste modo as religiões primitivas vêem na morte não um ato natural, mas o efeito de um agente

sobrenatural malévolos. A morte aparece personificada num deus especial, Demônio ou anjo.

No pensamento grego, a morte aparece como um jovem que empunha uma espada. No cristianismo e no judaísmo aparece um conceito muito complexo e evoluído a respeito da morte. É interpretada como consequência de um pecado. A morte é uma herança penosa da humanidade que vive no Sheol-judaísmo-ou sobreviverá pelo poder da morte e ressurreição de Cristo-cristianismo.

Segundo a Enciclopédia Brasil → Morte é a cessação completa e definida da vida de um animal ou vegetal. Biologicamente, estão vivos todos os seres formados por proteínas, gorduras hidrato de carbono cujo funcionamento celular é organizado e dirigido pelo ADN, enquanto esse conjunto alimentar-se, cresce e reproduzir-se.

O conjunto morre e se decompõe quando, por alguma ação exterior, perde essas três características.

Nos organismos multicelulares, a morte sobrevém pelo aparecimento de condições, muito favoráveis. Se as condições permanecem vantajosas e o meio adequado, a morte praticamente não nos atinge, já que ela se traduz apenas por uma divisão celular, que deixa vivas as duas células filhas.

O ser humano morre sempre por descontinuidade nervosa, qualquer que seja a causa mortes. A ruptura da sinergia nervosa determina a supressão da unidade psíquica, o que, o homem, precede a morte física.

Todos os organismos vivos provêm de uma única célula inicial: o ovo ou zigoto. Após uma fase indiferenciada, ocorre a especialização das células para determinadas funções. Depois dessa fase de diferenciação morfológica, a maioria das células passa por um período final de envelhecimento, que culmina com a morte.

A morte em Aristóteles → Aristóteles analisou a morte no âmbito de sua filosofia. Nosso objetivo é o de investigar uma grande ausência na especulação teórica de Aristóteles.¹

O texto de Platão dedicado à questão morte, o diálogo de *Fedón*, e o único texto de Aristóteles dedicado exclusivamente a essa questão. Mostra uma

1. DOWELL, João A. Mac. *Síntese – Revista Filosófica*. p. 96

imensa e aparente insuperável diferença, onde se articulam, de um lado, reflexões místico-filosóficas sobre a sobrevivência da alma após a morte do corpo, sobre a incorruptibilidade e conseqüente imortalidade, e, de outro, uma explicação extremamente concisa e técnica sobre o processo biológico do envelhecimento e da morte, ocasionado pela perda de calor natural do organismo.

Ambos procuram analisar o processo de geração do par de opostos vida/morte. O modo diverso com o qual Platão e Aristóteles empreenderam essa análise coloca-nos, porém, diante de uma clara diferença entre eles. Platão, ao adquirir sobre a passagem da vida para a morte, usa o referencial teórico uma concepção puramente lógica do processo de mudança de um contrário para o outro. Deste modo ele afirma que se algo se tornou mais belo, isso significa necessariamente que, anteriormente isso era mais feio. Logo, a passagem de uma etapa anterior a uma posterior de uma mudança assinala, de fato, uma transição lógica de um contrário para outro. Isto é: os contrários são concebidos como termos relativos. Essa é a razão pela qual a transitividade da mudança, ou seja, o fato de a mudança poder ocorrer de um lado para o outro indistintamente, ser postulada, logo em seguida, por Platão. Atente-se para o fato de que a reversibilidade entre os termos do par vida/morte é pensada sem levar em conta um processo biológico efetivo de mudança. A alma passa de um estado para o outro, da vida para a morte, tal qual passamos da vigília para o sono. Em outros: a alma, na realidade, não morre em seu sentido próprio, mas apenas atravessa dois momentos em que existe de modo diverso: um, na Terra, onde se habita em um corpo perecível, o outro, no Hades, onde existe separada deste invólucro corpóreo que já se corrompeu.

Mais ao final do diálogo, Platão nos enuncia *Qua a alma, ao ser portadora da Idéia da vida, não pode abrigar em si a Idéia contrária a esta, a saber, a idéia de morte, não podendo, por conseguinte, ser mortal. A alma, então, é indestrutível e, neste sentido, eterna, pois ela não perece irresponsada ao menos uma importante questão: se a alma, após sua separação do corpo, apenas existe, mas não vive no Hades, como parece ressaltar o texto platônico.*²

O Estagirita também se ocupa de investigar o processo que leva um organismo vivo a perecer. Aristóteles se apoia nos conceitos, segundo ele,

2. DOWELL, op.cit. p. 97

indispensáveis na consideração de devir: a potência, o ato e a matéria. Aristóteles explica que tal como o vinho não tem potência de se tornar vinagre, tampouco o vivente tem em si a potência de se tornar um cadáver procede do vivente por meio de geração, mas sim por meio da corrupção. Na verdade, a passagem de um contrário para o outro não se dá sem a mediação de um substrato comum a eles. Então, será a matéria do vinho, a saber, a água, que se transformará em vinagre, e não o vinho propriamente dito.

Para o Estagirita não há, portanto, mudança do vinho para o vinagre, porque não há no vinho enquanto tal potência, ou seja, a capacidade de tornar-se vinagre. Isso significa que a mudança aqui, do mesmo modo como vimos em Platão, é reversível. No entanto, para Aristóteles, ela não pode ocorrer diretamente de um lado contrário para o outro, pois, como ele nos esclarece: “nem tudo tem matéria, mas somente as coisas de que há geração e mudança recíproca”.³

É preciso então postular um abstrato que permaneça constante durante a passagem de uma privação. Caso não ocorra um processo físico de geração, então não há necessidade, para o Estagirista, de se postular uma matéria, como no caso do ponto, das espécies e das categorias, que apenas são e deixam de ser, sem terem sido propriamente gerados.

Aristóteles aparece afirmar, ao acrescentar que as coisas que se modificam reciprocamente precisam antes de converter-se em sua matéria. Com suas próprias palavras: “se de um cadáver deve advir um vivente, primeiro ele deve tornar-se a sua matéria e, deste modo, em seguida, vivente”. As corrupções, afirma Aristóteles, ocorrem por acidente, ou seja, elas não estão inscritas na potencialidade ínsita à forma do organismo biológico em questão. Só a geração está, por assim dizer, contida na capacidade presente no ente vivo em questão, só em relação a ela pode-se dizer em sentido próprio que o ente vivo tende, naturalmente, jamais para a corrupção. Em outras palavras, o vivente não tem em si naturalmente a potência da morte, mas apenas a da sua vida em plenitude. Lembremo-nos de que a potência de algo, para o Estagirita, não é a sua capacidade para ser qualquer coisa, mas é

3. DOWELL, op. Cit. p. 97

precisamente a capacidade de ser algo determinado, a saber, a forma implícita presente neste organismo biológico seja o que ele é e que, por meio de processo de mudança, se atualiza, ou seja, explicita as suas potencialidades latentes. O fim de um organismo não é, portanto, a sua destruição, mas sim a sua perpetuação por meio da reprodução. Em si mesmo, um organismo possui apenas a capacidade de crescer e, se reproduzir gerando um outro organismo igual a si mesmo a fim de perpetuar a sua espécie.

O télos de um organismos, portanto, não é simplesmente o termo derradeiro que lhe advém em um processo natural de mudança. Nessa perspectiva que identifica o télos com o melhor e com o bem, a morte só pode ser pensada como um limite que se interpõe e cria obstáculos ao processo natural de atualização da potencialidade inerente aos eidos de um dado organismo biológico. A morte não pode ser pensada como um fim.⁴

Para Aristóteles parece absurdo falar de felicidade depois da morte, pois ele definira a felicidade como sendo “uma certa atividade”, e a morte é precisamente o contrário disso, ou seja, ela é a ausência de qualquer atividade. O seu télos não seja algo exterior a essa atividade, mas sim os próprios momentos de excelência dessa atividade, quer sejam noéticos-as formas de conhecimento-quer sejam disnoéticos-as virtudes. Caso Aristóteles concebesse a morte como o fim, isso implicaria em uma concepção de vida como sendo um mero movimento cujo fim permanecer-lhe-ia extrínseco. De fato, a morte assinala o fim do organismo, mas é precisamente por isso que ela nada mais nos informa acerca desse organismo. Note-se que, ao contrário do que ocorre quando é preciso delimitar a grandeza, o movimento ou o tempo a fim de poder conhecê-los, aqui, ao se delimitar um vivente pelo seu início e fim, a saber, pelo seu nascimento e morte, não o conheceremos melhor, pois a intenção de Aristóteles não é a de conhecer o indivíduo, dado que desde não há ciência sem definição, mas sim a de conhecer o seu eidos, e por isso só podemos fazer ao ignorar o fato accidental que é a duração de vida de um indivíduo no interior da sua espécie.

4. DOWELL, op. Cit. p. 96

Aristóteles analisa detalhadamente a morte dos organismos biológicos. Ele inicia seu texto constatando que o nascimento e a morte são comuns a todos os viventes, pois ainda que existam diferenças específicas desses fenômenos, há, estretanto, algo comum entre eles. No caso da morte, ela pode ser violentada ou natural. Será violentada se o seu princípio for externo, será natural, ao contrário, se o seu princípio residir no próprio organismo, devido à própria constituição deste organismo, e não por uma qualquer efecção a ele sobrevinda posteriormente. Nas plantas, esse processo se denomina ressecamento e, nos animais, velhice.

A causa da morte de todos os seres vivos é o desaparecimento de um certo calor nos órgãos vitais. A fala deste calor reside no ressecamento e conseqüentemente no endurecimento dos plumões. O processo de envelhecimento assinala então esse progressivo consumir-se do calor interno, razão pela qual na velhice segundo Aristóteles, basta um pequeno distúrbio para provocar a morte, pois que o calor já se encontra muito tênue e qualquer perturbação produz a sua extinção.

Por esse motivo, segundo o Estagirita, a morte na velhice é indolor, pois não sobrevém ao organismo nenhuma afecção violenta que pudesse provocar a sua morte. Aristóteles sintetiza sua idéias sobre o nascimento, o amadurecimento e a velhice dos organismos biológicos, idéias estas que como vimos, se apoiam totalmente na presença do calor vital e no crescimento e deteriorização dos órgãos responsáveis pelo resfriamento do mesmo.⁵

Se é certo que ele nunca pôde dissecar um cadáver humano, é certo que ele preparou bastante bem o terreno para essa prática, ao afirmar em diversas passagens de sua obra, por exemplo, que nenhum membro decepado continua sendo membro humano em sentido próprio, mas que será apenas e tão somente uma parte sem vida de um cadáver.

Diante da nova concepção aristotélica de alma, passa a ser sem sentido qualquer tipo de rito funerário, dado que esses se fundamentavam na premissa de que a alma separar-se-ia do corpo, hipótese esta que a teoria aristotélica é totalmente sem sentido, pois que a alma, na sua concepção, é apenas

5. DOWELL, op.cit. p. 100

e tão somente a forma de um corpo determinado, não podemos, por conseguinte, existir sem ele, tal como tampouco poderia haver uma visão sem olho.

Por isso, segundo Aristóteles, a tarefa do físico é a de conhecer a alma que não pode existir sem matéria. Todavia, se no caso da alma Aristóteles revoluciona a concepção tradicional de sua época, que postulava uma nítida separação entre alma e corpo, no caso do intelecto ele aparece mais conservador, pois este, na sua opinião, é eterno, sobrevém de fora ao homem, e não se mistura com o composto da alma/corpo.

Para Aristóteles o término, a morte de todos os organismos vivos só pode ser dito fim metaforicamente, e nunca em seu sentido próprio.

A morte em Sócrates → O filho do escultor Sofronisco e de sua mulher, Fenareta, foi um pomo de discórdia em todo o estado ateniense. O incómodo da sua presença ateniense. O incómodo da sua presença avolumou-se, não se sabe desde quando, até aos últimos dias de vida, quando já atingia setenta e um anos. A cidade tolerou-o enquanto lhe foi possível. A figura mental de Sócrates, o espectro de perplexibilidade que ele fazia zombar sobre uma sociedade em crise moral e política, tornavam-no configurado à imagem de algo de sagrado, de que as sociedades carecem, para si mesmas se purificarem, o “bode expiatório”, o cordeiro inocente. Os dias da catarse demoravam, envolvida Atenas nos pesadelos da guerra peloponésica, nos sobressaltos dos jogos da tirania e da democracia. Chegando o tempo da colheita, a cidade pediria um exorcismo mortal. E Sócrates foi o signo vital do exorcismo.

Sinal de contradição, suscitador de dúvidas, suspensor do juízo enquanto este não se revelasse apodítico, Sócrates orientava filhos de importantes famílias para um itinerário conceptual que faiscava no seu cruzamento com os caminhos de rotina da cidade e com a axiologia do saber político.

Nunca fui mestre de ninguém, e se alguém, jovem ou velho, pretende ouvir-me falar e observar o que faço, nunca a tal me opus, nem nunca dialoguei a solto, nem deixei de dialogar por não me pagarem; antes pelo contrário, estou disponível tanto para o rico como para o pobre; interrogo, e seja quem for pode responder e ouvir quando digo. Se algum destes segue o bom ou mau caminho, não é justo que a responsabilidade recaia sobre mim, dado que nunca prometi instruir, nem nunca instruí fosse que fosse. Se houver alguém que firme Ter

aprendido, ou ter-me ouvido em particular algo diferente do que digo em público, ficai certos de que não diz a verdade.⁶

Mal comparado, Sócrates era como uma toupeira minando o subsolo institucional. Onde levaria o seu trabalho a maiêutica, que induzia num especioso, ainda não definitivo, cepticismo, caracterizado por uma revisão, por uma anagnose, cujo efeito imediato era o de colocar o discípulo num plano de instabilidade, Atenas sentia-se mal com Sócrates. Quem era ele, de resto, para fazer tanta sombra aos ricos e aos poderosos, aos magistrados e aos estrategas, aos literatos e aos sofistas, aos atletas e cortesãos? A inveja cresceu à sua volta desde o dia em que, num inexplicável atrevimento, ou num malicioso desafio, Querefonte se dirigiu ao santuário de Delfos, interrogou o oráculo e ouviu este enigma: "Sócrates é o mais sábio de todos os homens".

Acerca da minha sabedoria, se é que ela é sabedoria, evocarei o testemunho de deus que está em Delfos. Conheceis certamente Querefonte. Ele foi meu amigo de juventude, e amigo também do povo, partilhou convosco o último exílio, e convosco regressou à pátria. Sabeis também que homem Querefonte era, como se mostrava impetuoso em tudo quanto empreendia. Bom, tendo ido certa vez a Delfos, ousou inquirir o oráculo com a questão se haveria alguém mais sábio que eu. Quando tive a notícia do oráculo, interroguei-me a mim mesmo: - "que significa o oráculo do deus, que sentido oculto há nas suas palavras? Por mim estou cômico que não sou sábio, nem muito nem pouco. Ele certamente não pode mentir, isso não lhe é possível. E durante muito tempo fiquei pleplexo, sem atinar com o significado do oráculo. Por fim, e com grande relutância, decidi-me a me investigá-lo, da seguinte maneira: Comecei por ir na casa de um desses homens com fama de sábio, persuadido de que aí, melhor do que algures, poderia verificar o significado do oráculo, se este era ou não fundado, de forma a poder retornar ao deus: "Eis, afinal, um homem que é mais sábio do que eu, quando tu dizias que eu era mais sábio". Então, procurei demonstrar-me que, embora se julgasse sábio, tal não era. Resultado: tornei-me odioso a esse homem e a muito dos que se achavam presentes, e, ao sair dizendo

6. PLATÃO. Apologia de Sócrates. p. 73

para mim mesmo: "Sou decerto mais sábio do que este homem. Em seguida procurei outro, que tinha a fama de ser ainda mais sábio do que aquele, e obtive a idêntica impressão, de onde também passei a ser odiado, por ele, e por muitos outros. Depois deste, prossegui de um para outro, verificando sempre, com pesar e apreensão, que me tornava cada vez mais odioso. É necessário, por isso, que vos relate as minhas inquietações, como suportei fadigas, para obter a certeza de que o oráculo era irrefutável. Depois dos políticos, procurei os poetas trágicos, os ditirâmbicos e os outros, pensando que, aí, eu não poderia deixar de ser o de menor saber entre todos. Por último procurei os artistas, cada um deles julgava-se muito sábio noutros assuntos importantes.⁷

Penso, no entanto, Atenienses, que o verdadeiramente sábio é o deus, que, em seu oráculo, significou o seguinte: "A sabedoria humana é de pouco ou nenhum valor". E julgo que não queria referir-se exatamente a Sócrates, mas que se valeu do meu nome a título de exemplo, como se dissesse: "Ó homens, o mais sábio de vós é aquele que, como Sócrates, sabe que, afinal de contas, o seu saber é nulo".

A inveja cresceu à sua volta desde cresceu á sua volta desde o dia em que, num inexplicável atrevimento, ou num malicioso desafio, Querofonte se dirigiu ao santuário de Delfos, interrogou o oráculo e ouviu este enigma: "Sócrates é o mais sábio de todos os homens".

Os dias do exorcismo foram os da Primavera de 399 a.C., Quando Sócrates já atingira a matura idade de setenta e um anos, uma idade mais de morrer do que para viver em desafio.

E agora, tardo e velho, sou apanhado pelo corredor mais lento, e os meus acusadores, mais ágeis e robustos, pelo mais veloz, a perversidade. Agora sairei daqui sentenciado e condenado à morte, enquanto eles sairão sentenciados e condenados, por infância e injustiça, pela verdade. Eu com minha pena, eles com a sua. Talvez tudo isto tivesse de acontecer, e penso que tudo é como deve ser.⁸

7. PLATÃO. Op. Cit. p. 39

8. PLATÃO. Op. Cit. p. 87

Os velhos da cidade, o cognome de velhaco vestia como ajustada toga o corpo deste homem, velho e sábio. A assembleia dos 500 Heliastas recebeu uma queixa: "Sócrates é culpado denegar os deuses reconhecidos pela cidade e introduzir novas divindades: é também culpado de corremper a juventude ". Sentença proposita à morte.

Nenhuma destas acusações é verdadeira, e se algum de vós já ouviu que me ocupo na educação de jovens ganhando dinheiro com isso, também tal não é verdadeiro. No entanto, parece-me muito belo o ser-se capaz de educar os homens como fazem Górgias de Leontinos, Pródico de Ceos e Hípias de Élis. Grandes mestres estes, ó cidadãos, que a andam de cidade em cidade, e saber atrair tantos homens jovens, que poderia conviver com quem muito bem entendesse, gratiamente, e preferem associar-se com eles, pagando-lhes e ficando-lhes, ainda por cima, gratos.⁹

Esta acusação foi levada por quinhentos e um juizes que a interpretaram como a acusação de provada e comprovada impiedade. Sócrates estava ali, na presença do prenário, acusado de ser um homem impiedoso, um descrente, um corruptor social.

Na verdade, cidadãos, temer a morte não significa mais do que julgar-se sábio sem o ser, significa pretender saber o que se ignora. Com efeito, ninguém sabe o que é a morte, ninguém pode afirmar que ela não é a maior benção para o homem, mas os homens temem-na, como se soubessem que ela é o pior de todos os males. E não será a mais repreensível ignorância, essa de julgar conhecer o que não se conhece? Talvez que, neste assunto, cidadãos, eu seja diferente da maioria. Se algo há em que firme ser mais sábio de que outros, é aqui: que nada sabendo de certo sobre o Hades, eu não penso que sei. No entanto, sei que a ação injusta, a desobediência aos superiores, sejam deus ou homem, sei que é um mal e uma desgraça. Por isso, não poderei aquiescer a temer evitar aquilo que ignoro se é um bem, mais do que evito os males que sei serem males.¹⁰

9. PLATÃO. Op. Cit. p. 35

10. PLATÃO. Op. Cit. p. 62

Os Heliastas exorcizavam Sócrates e obtinham dele a promessa de abandonar a filosofia; ou o exorcismo não resultava, e Sócrates teria de morrer; ou o mesmo Sócrates exorcizava os Heliastas e, nesse caso, era o espírito da cidade que de algum modo morria. Afinal, em contra do que dizíamos, a representação judicial tornava evidente o desfecho: a morte, fosse ela qual fosse, fosse ela de quem fosse, era inevitável. Ou morria o filósofo ou morria o homem, ou morria a lei ateniense.

Ficai sabendo que, se me condenardes à morte, e sendo quem eu sou, não por mim, mas por vós, fareis o mal maior. É possível um caluniador condenar-me à morte, ao degredo, à perda dos direitos, coisas que Meleto e outros da sua igualha consideram grandes males, nanja eu. O que na verdade me parece um grande mal é exatamente o que ele agora tenta fazer matar injustamente um homem. Estimulando, persuadido, reprovando cada um de vós, não posso abandonar-vos nem por um instante. Não vós será fácil encontrar outro como eu, cidadãos e se acreditades, poupar-me-eis.¹¹

Toda a assembleia, juízes e circustantes, era um espelho de perfeição. O rosto de Sócrates, esse, distinguia-se da unanimidade; ele era o rosto do corruptor. E, nessa qualidade foi condenado sem apelo.

Quis defender-se a si mesmo. Lísias, orador de uma nomeada, ofereceu-se a Sócrates para a apologia de refutação das acusações, e para a súplica de uma sentença benigna. No estante, se Sócrates fosse beneficiado, o benefício iria a crédito, não da sua palavra, não da sua arte, não do seu pensamento, mas da palavra, da arte e do pensamento de um Sofista.

Perante essa condenação que votaste contra mim, é por diversas razões, e sobretudo a seguinte: a vossa decisão não constitui surpresa para mim. Estou mais surpreendido com o número de votos pró e contra, porque não esperava tão reduzida maioria, supunha que seria muito mais ampla porque, transportos apenas trinta votos a meu favor, eu agora estaria absorvido.¹²

11. PLATÃO. Op. Cit. p. 66

12. PLATÃO. Op. Cit. p. 80

Neste caso, a filosofia calava-se, cedendo o lugar. Situação limite: ou Sócrates optava por uma apologia a seu modo, ou recorria a outro. No primeiro caso, assumiria o filosofar com todas as consequências de vida e de morte; no segundo caso, confessava implicitamente a ineficácia do seu método perante a interrogação da verdade um juízo. A arte que criava filosofia propunha-se um risco: o de mostrar-se incapaz de servir para demonstrar a verdade numa situação de fato. Sócrates não tinha alternativa. Sócrates recusou a apologia segundo Lísias; Platão arrebatado pelo ambiente de injustiça, subiu a tribuna e ainda esboçou o início de uma intervenção, sendo interrompido pelos juízes, que o mandaram regressar ao lugar.

O tribunal reuniu e votou. Dos 501 votos, duzentos e oitenta votaram a morte.

Quanto aos que votaram pela minha absolvição, ser-me-ia grato conversar acerca de quanto se passou, enquanto os magistrados se acham atarefados, e enquanto não sou conduzido ao local onde vou morrer, permaneceréi, por isso, junto a mim, amigos, nenhuma lei se opõe a que conversamos, enquanto há tempo. O que acaba de suceder é, sem dúvida, um bem, e os entre nós pensarem que a morte é um mal estão enganados. Permite que reflita de outro modo, como há boas razões para esperar que isso é um bem. Com efeito, a morte deve ser uma destas duas coisas: ou virtualmente nada, por isso que o morte não tem consciência de coisa alguma, ou, como o povo diz, uma mudança e uma migração de alma deste lugar para outro. Também vós, ó juízes, deveis olhar a morte com esperança e Ter em mente esta única verdade: nenhum mal pode acontecer a um homem de bem, nem em vida, nem depois da morte, e o deus não o negligencia. Por isso, e também, o que me aconteceu por acaso, e vejo que o melhor para mim é morrer agora, libertando-me de todos os cuidados. É esta a razão porque o sinal nunca se manifestou, por isso que não guardo o menor rancor aos que me condenaram, nem aos que me acusaram. Todavia, não foi com este propósito que me condenaram e acusaram, mas com o propósito de me prejudicar, e, por isso, são dignos de reprovação. Chegado é o tempo de partirmos. *Eu para a morte, vós para a vida. Qual destino é o melhor, a não ser o deus, ninguém o sabe.*¹³

13. PLATÃO. Op. Cit. p. 94

Sócrates escolheu o seu fim, a sua morte, a sua negação. Ele se exercitou durante toda a sua vida para aquela morte. Assim é que um pouco antes de tomar a cicuta, sorrindo, disse aos seus discípulos: "Os que filosofam de maneira rigorosa se exercitam para morrer".

"A morte de Deus em Nietzsche" → Nietzsche anuncia a "morte de Deus" e também realiza um profundo ataque contra o cristianismo, cuja vitória sobre o mundo antigo e sobre a concepção grega do homem envenenou a humanidade. Ele denuncia e acusa o cristianismo como a mais nefasta das seduções e mentiras. Acusa o Evangelho de conter uma sabedoria triste e mortal, oposta à sua "gaya ciência" e declarando-lhe uma guerra aberta: "debaterei todas as suas oposições".

A armadilha das suas obras é dirigida para dinamitar o cristianismo. A *Gaya Ciência* (1881) é o primeiro grande impacto. Seguem-se-lhe *Assim falou Zaratustra* (1883), *a Anticristo* e *o Ecce Homo* (1888).

A Gaia ciência, o homem louco anuncia aos homens que Deus está morto: "O que houve com Deus? Eu vos direi. Nós o matamos, eu e vós. Nós somos os seus assassinos!"¹⁴

Pouco a pouco, por diversas razões, a sociedade ocidental foi se afastando de Deus: foi assim que o matou. Mas, "matando" Deus, eliminam-se todos os seus valores que serviram de fundamento para a nossa vida e, conseqüentemente, perde-se qualquer ponto de referência.

Para Nietzsche, nós eliminamos o mundo do sobrenatural, mas, assim fazendo, infringimos também o quadro dos valores e ideais a eles ligados. E, assim, nos encontramos sem ponto de referência: nós matamos Deus e com ele desapareceu o homem velho, mas o homem novo ainda não apareceu.

A morte de Deus é o fato que não tem paralelos. É o acontecimento que divide a história da humanidade. Não é o nascimento de Cristo, e sim a morte de Deus, que divide a história da humanidade: "Quem quer que nascer depois de nós, por isso mesmo, pertencerá a uma história mais elevada do que qualquer outra transcorrida".¹⁵

14. REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. p. 430

15. REALE, op. Cit.p. 431

Esse acontecimento é a morte de Deus, anuncia antes de mais nada Zarathustra, que depois, sobre as cinzas de Deus, erguerá a idéia do super-homem, do homem novo, impregnado do ideal dionisíaco, que ama a vida e, voltando as costas para as quimeras do céu, voltará à sanidade da terra.

A morte de Deus é o acontecimento cósmico, pelo qual os homens são responsáveis e que os liberta das cadeias daquele sobrenatural que eles próprios haviam criado. Precisamente esse é o objetivo que Nietzsche alcança com o Anticristo, que é uma maldição do cristianismo. Para ele, um animal, uma espécie ou um indivíduo é pervertido quando perde os seus instintos, quando escolhe e quando prefere o que lhe é nocivo.

Para Nietzsche, o cristianismo é a religião da compaixão. Se perde força quando tem compaixão; a compaixão obstaculiza em bloco a lei do desenvolvimento, que é a lei da seleção. Ela conserva o que está em maduro para declínio, opõe resistência em favor dos deserdados e dos condenados pela vida.

Em Deus está divinizado o nada, está consagrada a vontade do nada. O budismo também é a religião da decadência, mas Nietzsche o considera pelo menos vezes mais realista que o cristianismo; o budismo não luta contra o pecado, mas sim contra a dor. Apesar de tudo isso, ele é tomado pela figura de Cristo, que é o homem mais nobre e o símbolo da cruz é o mais sublime que já existiu. Ele faz distinção entre Jesus e o cristianismo; Cristo morreu para apontar como se deve viver: a prática da vida é o que ele deixou de herança aos homens: sua atitude diante dos juizes, dos sincéiros, dos acusadores e de toda espécie de zombaria e calúnia, a sua atitude sobre a cruz.

Para ele, Cristo foi o "espírito livre", mas com Cristo morreu o Evangelho: o Evangelho também ficou "suspenso na cruz", ou melhor, transformou-se em igreja, em cristianismo, isto é, em ódio e ressentimento contra tudo o que é nobre e aristocrático.

No Novo Testamento, Nietzsche só encontra uma personagem de dignidade de ser elogiada, Pilatos, em virtude do seu sarcasmo em relação à verdade. Mas o que aconteceu? Aconteceu que um monge alemão, Lutero, veio a Roma. Trazendo dentro do peito todos os instintos de vingança de padre mal-sucedido, esse monge, em Roma,

indignou-se contra o Renascimento. Lutero viu a corrupção do papado, e simplesmente restaurou novamente a igreja.¹⁶

São dessa natureza, portanto, as razões que levam Nietzsche a condenar o cristianismo: a igreja cristã não deixou nada intacto em sua perversão, ela fez de cada valor um desvalor, de cada verdade uma mentira, de toda honestidade uma objeção da alma. A igreja, com o seu ideal clorídrico da sanidade, vai bebendo até a última gota todo o sangue, todo amor e toda esperança de vida.

O ser-para-a-morte em Heidegger → Na filosofia existencial de Heidegger, a morte é o sinal da finitude e da individualidade humana que o homem precisa assumir para escapar da alienação de si e da banalidade do cotidiano: "A morte se desvela como a possibilidade absolutamente própria, incondicional e intransponível". Contudo, a limitação de nossa existência pela morte é sempre decisiva para a nossa compreensão e nossa apreciação da vida. Assim, este fim que designamos pela morte não significa, para a realidade humana, um ser-terminado, mas um ser para o fim, que é o ser desse existente.

Da mesma forma que a pre-sen-ça, enquanto é, continuamente já é o seu ainda-não, ela também já é sempre o seu fim. O findar implicado na morte não significa o ser e estar-no-fim da pre-sen-ça, mas o seu ser-para-o-fim. A morte é um modo de ser que a pre-sen-ça assume no momento em que é. "Para morrer basta estar vivo".¹⁷

Para chegar a captar o sentido da existência, o homem deve renunciar todo o princípio que conduza à consecução prática de algum fim, deve ter consciência da mortalidade. É unicamente, e incessantemente, sentindo-se perante o rosto da morte, que o homem segundo Heidegger, se encontra em condição de ver o significado e a plenitude de cada momento da vida, e se pode libertar dos ídolos da existência social, dos fins, dos ideais, das abstrações científicas. "A morte não apenas pertence de forma não indiferente ao ser-humano, como o reivindica em sua singularidade."¹⁸

16. REALE, op. Cit. p. 433

17. HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo, Parte II. p. 26

18. HEIDEGGER, op. Cit. p. 53

A morte não se agrega ao ser humano no fim. Todo ele, a cada instante, tem seu fundamento na mortalidade. Pensar na morte é ouvir e interpretar a vida em todas as suas formas; é debruçar-se sobre ela no vigor e na ternura de mil e uma ocupações.

No seguimento da vida merecemos o sentido da morte, é esse o caminho da nossa reflexão. Dissemos que o cuidado estrutura a existência-humano-mundo. Ocupamo-nos e preocupamo-nos com ela. Damos tudo para salvá-la. Analizando o modo de cuidar das existência-humana, logo não damos conta que o que mais pretendemos é prolongá-la no mundo, evitar o seu término, salvá-la da morte. Esse ir para a morte é o caminho para o desconhecido, que está próximo ao mundo conhecido, bem junto ao nosso ser. No desconhecido se esraízam todos os nossos instantes; com ele precisamos lutar, pois é naturalmente mais imediato, mais importante que o pão cotidiano.

Na experiência da morte, a vida nos lança para a existência no mundo e simultaneamente para fora do mundo. Abre-nos para o desconhecido que se esconde no mundo conhecido.

Nesse modo de ser, próprio humano, percebemos imediatamente que a vida é uma grande doação, o Dom que não nos pertence, cuja dinâmica intrínseca solicita a devolução, a oferenda, a entrega ao doador. Morrer é o ato mais íntimo da vida: ato contínuo de entrega. Num primeiro ensaio entrega ao mundo, no final do ensaio, entrega ao desconhecido.

O profundo pessimismo, a franca honestidade de Heidegger uma das principais armas da reação ideológica contemporânea. "Em sentido genuíno, não fazemos a experiência da morte dos outros. No máximo, estamos apenas junto."¹⁹

19. HEIDEGGER, op. Cit. p. 43

Conclusão

As reflexões feitas durante este trabalho são inconclusas. Por isso, não cabe, naturalmente, nenhuma conclusão final. Apenas importa que cada pessoa tem um significado diferente para a palavra morte.

O nosso mundo denega a morte e, assim, priva-se de uma reflexão e de uma meditação sobre a questão do sentido e do sagrado. Alguns momentos da vida, em particular, as crises, os lutos, levam-nos a enfrentar essas questões essenciais.

A morte, desperta em cada um de nós um sofrimento, sentimento de ausência e o que é pior compartilhar nossas dores íntimas com desconhecidos.

Sócrates experimentou a morte com toda coragem e sempre afirmando, que para quem não acredita na continuação da vida, a morte é o nada, é a ausência completa de angústias e desespero, é o desespero, é o fim das aflições. E para quem acredita na continuação da vida, a morte é a passagem desta existência para outra melhor. De qualquer modo, a dor estaria na vida e não na morte.

O medo da morte é um dos mais intensos que acompanha o homem e sendo este medo geral e, em sua generalidade, o mais forte e mais severo de todos os medos. Quem tem medo da morte é porque não tem ciência para onde irá sua alma ou porque presume que se seu corpo sofrer dissolução, então, na verdade, não tem medo da morte, mas ignora o que é necessário saber. Foi exatamente por causa desta ignorância que levou os homens a refletir e investigar sobre a morte, obtendo tranquilidade com suas experiências realizadas e entendendo um pouco mais sobre este mistério. A morte é a perfeição e completamente e por ela atinge-se o mais alto grau de entendimento.

Se você não disse o que queria dizer, não amou o quanto poderia amar, não tentou aquilo que desejava tentar, logicamente morrerá angustiado com a sensação de que a vida se foi e tudo ficou pela metade.

Para todos, resta apenas aprender a conviver com ela. Encará-la de frente, compreendê-la, admiti-la. Em vez de escamoteá-la, negá-la, escondê-la. E quem sabe, assim, sofrer menos com a visita que ela nos fará um dia e com os eventuais sinais da sua presença que ela já tenha plantado ao nosso redor.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editor. 1998.

ANJOS, Margarida dos e FERREIRA, Marina Baird. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

BENOIT, Hector. *Sócrates – o nascimento da razão negativa*. São Paulo: Moderna, 1996.

BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. 2ª ed. Brasília: Letrativa Editorial, 2002.

B. Mondim, *O homem quem é ele?*. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 1980.

BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para Principiantes*. 9ª ed. São Paulo: Vozes. 1998.

DOWELL, João A. Mac. *Síntese – Revista Filosófica*. v. 29, nº 93. Belo Horizonte: Centro de Estudos Superiores. Janeiro-Abril 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte II, 5ª ed. São Paulo: Vozes, 1997.

HENNEZEL, Marie de e LELOUP, Jean-Yves. *A Arte de Morrer*. 4ª ed. São Paulo: Vozes.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1990.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Pinharanda Gomes. 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, Ltda. 1993.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, vol. III.

VOMERO, Maria Fernanda. *Revista Super Interessante*, fevereiro 2002.

Revista Filosofia, volume 14, número 14, janeiro/junho 2002, Editora Champagnat.